

**A ORAÇÃO INTERCESSÓRIA NAS CARTAS PAULINAS: UMA ANÁLISE DE
FILIPENSES, COLOSSENSES E 1 TESSALONICENSES¹**Jefferson Carnon Dantas²Wanderson Wendel Noronha Lô³

RESUMO: O presente artigo, examina de forma sucinta, as orações do apóstolo Paulo nas saudações das epístolas de Filipenses, Colossenses e 1 Tessalonicenses, observando suas primeiras ações diante das lutas daquelas igrejas em oração, tanto seus desvios, como suas projeções são tratadas nas ações de graças e intercessões do apóstolo. Isso posto e estudado através de uma análise bibliográfica de Teólogos do Novo Testamento e disciplina espiritual da Oração.

Palavras-Chave: Epístolas; Paulo; Oração; Intercessão.

ABSTRACT: This article briefly examines the prayers of the apostle Paul in the greetings of his Epistles of Philippians, Colossians and 1 Thessalonians, observing his first actions in the face of the struggles of those churches in prayer, both his deviations and his projections are treated In the thanksgiving and intercession of the apostle. This put and studied through a bibliographical analysis of New Testament Theologians and spiritual discipline of Prayer.

Key Words: Epistles; Paul; Prayer; Intercession.

1 INTRODUÇÃO

Ao observar qual o conceito teológico sobre oração, percebe-se que esse ato religioso visa uma aproximação com o Criador e um ajustamento de ações que vão através de Deus favorecer aquele que ora e para quem a oração é direcionada.

É através desse entendimento que o apóstolo Paulo em suas cartas de Filipenses, Colossenses e 1 Tessalonicenses faz a indicação de uma ação constante e consistente de intercessão pelos crentes que são destinatários dessas epístolas. Essas orações além de encorajadoras são resultado de um interesse altamente preponderante de Paulo: que haja crescimento nessas congregações e do combate a heresias e ações contrárias a fé cristã.

¹ Artigo científico apresentado a Faculdade de Teologia Hokmah no Curso de Integralização de créditos em Teologia, como requisito obrigatório para a obtenção do Título em Bacharel em Teologia.

² Acadêmico do Curso de Integralização de créditos em Teologia. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista Equatorial (1997). Licenciado em Pedagogia pela FEST – Faculdade Santa Terezinha (2007). Especialista em Tecnologias da Educação pela UNIVIMA/UFRGS (2010).

³ Orientador. Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília – UCB. Especialista em Didática Universitária e em Gestão Escolar. Licenciado em Filosofia, Pedagogia e Teologia. Contato para consultoria em pesquisa: (wandersonlo@hotmail.com).

A pesquisa caminha sob a ótica qualitativa a partir do método bibliográfico buscando compreender melhor a vida de oração do apóstolo Paulo. A análise de estudos exegéticos, comentários bíblicos e livros de introdução às Cartas Paulinas favorecerão o entendimento do assunto. A construção do saber não pode ser fruto somente de curiosidades, mas de uma contínua elaboração de pesquisa e labor científico. Por isso, esse trabalho visa discorrer sobre o tema através de um trabalho sistematizado de leitura e análise.

As introduções das cartas, isto é, as saudações de Paulo às igrejas destinatárias, trazem um arcabouço significativo desse desejo do apóstolo quanto aos seus leitores, elas trazem uma palavra forte e positiva sobre a posição intercessora do Missionário e coloca no seio da Igreja a certeza de que ela está debaixo de oração, de uma intercessão constante, isto visto claramente nas Epístolas estudadas.

Este trabalho serve para a compreensão mais acurada da vida devocional do maior missionário da história e de como eram tratadas as igrejas quanto aos seus problemas diante da ferramenta espiritual chamada oração.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Conceito de oração

A Bíblia não apresenta uma definição de oração. O conceito em si pode ser retirado das muitas experiências dos personagens bíblicos e das muitas orientações do Senhor nas Escrituras. Deus criou o homem para ter um relacionamento e esse relacionamento se dá também através da oração. Baseado nesse contexto, será apresentado algumas compreensões sobre a oração.

2.1.1 Oração como submissão

A oração é um exercício de fé, ela é um ato da alma por isso algo espiritual. A oração é uma expressão clara da submissão do homem e a Soberania de Deus nas vidas humanas. É acreditar que um Deus grande e Poderoso pode ajudar os que buscam a Ele. *“A oração consiste em “pedir e receber”; mas consiste ainda em muito mais que isso. Pois basicamente consiste na entrega da alma a Deus, a expectativa do favor divino, e suas muitas solicitações são apenas resultados disso”*. (Champlin, 1995, p. 604).

A fé consiste em uma entrega da alma de um homem que depende, por isso é submisso a Deus. A oração é um ato que o seu autor se coloca nas mãos de Deus e se põe aos seus cuidados, reconhece sua pequenez e fórmula sentenças de fé para mostrar essa submissão.

2.1.2 Oração como Adoração

A oração faz parte da devoção coletiva e da vida devocional individual. A oração incorpora em si elementos da adoração, como a confiança em Deus, como uma conversa elaborada de submissão à Sua vontade.

Quando a oração suplanta o ato simplório de pedir, torna-se um ato de adoração, em sua própria essência. Sendo esse uma ação de adoração, a oração é um estado no qual muito se aprende de Deus; e assim a Sua vontade pode cumprir-se, transformando conforme a imagem de Cristo.

A oração que Jesus ensinou aos discípulos instrui-nos a pedir perdão a Deus pelas dívidas contraídas por pecados que continuamente cometemos (Mt 6.12; Lc 11.4). A morte instantânea de Ananias e Safira, no meio da igreja de Jerusalém, revela a seriedade com que Deus encara o pecado escondido nos corações de adoradores hipócritas (At 5.1-11). (Shedd, 1991, p.74)

A adoração feita através da oração, conforme ensinado por Jesus Cristo ensina o processo de quebrantamento. O pedido de perdão molda a vida de um verdadeiro adorador, mostrando claramente que a oração é veículo de um processo de desvinculação à hipocrisia. A oração é adoração, pois cria um sentimento de estar debaixo da seriedade da Presença de Deus e encara sua realidade pecaminosa.

Mas as orações bíblicas valorizam a comunhão com Deus. Como aparelhos complicados, projetados para uma função particular, deixamos de alcançar o objetivo de nossa existência fora da comunhão que a oração cria. Egoísmo, soberba e murmuração aniquilam a comunhão. Somos, então, como quem tenta martelar um prego com sabonete. Orar de verdade quer dizer abandonar a rebelião e aceitar a reconciliação. Jesus quis ensinar, acerca da oração, a verdade incomparavelmente preciosa de que Deus deseja nossa comunhão. Ele nos ama mais do que um pai humano é capaz (Lc 11.11-13). Ele deseja ouvir as nossas necessidades e supri-las (Mt 7.7-11). Amar a Deus acima de todo objeto por ele criado só pode significar que Ele quer ser conhecido e desejado pelas Suas criaturas. Por isso, as orações dos santos são qualificadas como o incenso que enche os vasos de ouro nas mãos dos 24 anciãos que rodeiam o trono do Senhor do universo (Ap 5.8; cf.8.3). O altar de incenso do propiciatório simbolizava o prazer com que Deus recebia os louvores e petições do Seu povo. (Shedd, 1991, p. 103).

Observa-se a oração como adoração, pois Deus se agrada dos que o buscam, isso é valorizado nas Escrituras. Orar é expressado por comunhão com Deus e isso é adoração. Desejar Deus e expressar isso através da oração, é adoração particular, mas a oração também é adoração pública.

Orações públicas nas congregações devem ter o mesmo significado de adoração. Aquele que ora, conduz toda a congregação aos pés do Senhor, isto é, na medida que os membros,

individualmente, estejam também orando. Não há necessidade de ter-se repetições do que ora pelos demais membros, mas sim elevar os corações para o mesmo sentido. Adorar a Deus com os companheiros de fé tem um significado eterno e o cumprimento de um mandamento bíblico: "temos da parte dele este mandamento, que aquele que ama a Deus, ame também a seu irmão" (1 Jo 4.21). Essa expressão coletiva de oração, feita publicamente é também adoração.

2.1.3 Oração como ato Criador

Deus cria, modifica e transforma situações. A oração vale-se desse entendimento e o ato criador de Deus através da oração é usado. Na oração entrega-se situações para que Ele haja e faça sua vontade. Quando a oração é um verdadeiro exercício da alma, isso coloca o ser humano debaixo do Poder do Criador. Isso torna as pessoas que oram mais sensíveis à vontade de Deus, para com os outros e para com suas próprias necessidades. (Champlin, 1995, p. 604).

2.2 Aspectos da oração de Paulo

Paulo descreve sua importância à oração iniciando suas epístolas com seus relatos de intercessão pelo povo que dirige a carta. Ele não só indica que a oração é uma constante em seu ministério, mas também formula uma ideia de que a busca a Deus pelos destinatários é um marco em sua caminhada ministerial.

Importantes também são os relatos de oração, nos quais, no começo de quase todas as suas Epístolas, Paulo assegura seus leitores "não somente de suas ações de graças constante por eles, como também de suas contínuas intercessões em favor deles, e indica resumidamente o conteúdo de algumas das suas orações. (...) Destarte em Fm 4 e segs.: "Dou graças ao meu Deus, lembrando-me sempre de ti nas minhas orações...para que a comunhão da tua fé se torne eficiente, no pleno conhecimento de todo bem que há em nós, para com Cristo" (cf. Rm 1:9-10; Fp. 1:4, 9 e segs.; 1 Ts 1:2-3; 3:10; 2 Co 1:7; Ef 1:16-23; Cl 1:3, 9-14; 2 Ts 1:1-2;) Estes relatos de oração também ocorrem no corpo das Epístolas (Rm 9:3; 1 Co 5:3; 2 Co 9:14; 13:7, 9; Cl 1:29-2:3, 5; 4: 12). No que diz respeito as orações de desejo e aos relatos sobre oração, de cada um, segundo a maneira que lhe é própria, epitomiza "a mensagem dominante na epístola", sublinhando suas preocupações centrais, e localiza-se num ponto estratégico da Epístola. (Brown, 1978, p. 336-337)

A perspectiva escatológica de Paulo indica também um sentido de persistência dos seus leitores, ele ora para que eles tenham entendimento da fé e urgência em suas atitudes e pregação pois o dia do Senhor (parousia) está próximo. As orações de Paulo embora sejam dirigidas por imediatas preocupações de um líder, estão envolvidas em sentimentos pessoais e fortes de Paulo e uma "ilimitada expectativa" do retorno do Senhor. (Brown, 1978, p. 337)

Observa-se também um líder que usa a oração como parte de sua obra missionária, buscando

incentivar, agradecer e orientar as igrejas que recebiam suas cartas. Essa atitude não se vê somente aqui, mas praticamente em todas as orações que Paulo faz pelas igrejas para as quais escreveu (cf. Rm 1.9; 2Co 11.28; Fl 1.3-4; Cl 1.3, 9; 1Ts 1.2-3; 2Tm 1.3, Fm 4).

A vida de oração de Paulo era completamente equilibrada, ele caminhava através da gratidão, incentivo e intercessão. Uma boa característica encontrada na vida de oração de Paulo era os elogios aos seus liderados. Paulo intercedia pelo povo. *“A oração era o sustentáculo de toda obra missionária dele – em adiantamento às suas visitas, durante elas, e depois de sua partida”* (Brown, 1978, p. 337). Mesmo crendo que a Igreja pertencia a Deus, mesmo sabendo que Deus estava cuidando delas, Paulo não deixa de interceder em favor de cada uma delas.

Paulo com perseverança e gratidão não deixou de lembrar das igrejas em suas orações. Em Efésios capítulo 1, versos 16 e 17 – *“(…) não cesso de dar graças por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele”*, encontra-se uma clara descrição dessa intercessão e incentivo dado por Paulo, colocando seu desejo de crescimento à Igreja de Éfeso.

Paulo orou primeiro pedindo sabedoria porque, para ele, o evangelho era tão maravilhoso que se tornava impossível aos homens ver a glória dessas boas novas, a menos que fossem ensinados por Deus, e também porque sabia que o conhecimento de Deus era a própria vida em si mesmo (Jo 17:3; Fp 3:10). (Foulkes, 1993. p.52)

A oração intercessora de Paulo elogia os irmãos para quem eram destinadas suas cartas. Esses elogios não eram apenas palavras frívolas de bajulação, mas indicações de continuidade de ações e fé. Por isso, Paulo aproveita para pedir que essa fé seja fortalecida, orando pede a Deus dons aos irmãos de Colossos. Quando se lê Colossenses capítulo 1 versículos 9 até o 14 é clara a intenção de se ter uma vida correta e que dê testemunho do evangelho.

9Portanto, desde o dia em que soubemos disso, nós também não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do pleno conhecimento da sua vontade, em toda sabedoria e entendimento espiritual.

10Assim, oramos para que possais viver de maneira digna do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de Deus,

11fortalecidos com todo o vigor, segundo o poder da sua glória, para que, com alegria, tenhais toda perseverança e paciência,

12dando graças ao Pai, que vos capacitou a participar da herança dos santos na luz.

13Ele nos tirou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado,

14em quem temos a redenção, isto é, o perdão dos pecados.

As duas grandes qualidades aqui são: Paciência (hypomone) que não pode ser vencida por qualquer situação e Longanimidade (makrothumia) que não pode ser vencida por pessoa alguma. Paulo ora para que o cristão seja tão forte que nenhuma circunstância possa dobrar sua fortaleza e ninguém possa vencer seu amor. A oração é que o cristão jamais desespere em face a qualquer situação ou perante qualquer pessoa. A sua força diante do cotidiano e sua paciência diante das

pessoas devem ser indestrutíveis. (Barclay, p.30)

Ao dizer que estava orando pelo povo, o Apóstolo incentivava cada membro da Igreja a viver daquela maneira. Esse incentivo intrínseco dava às suas orações um teor de estímulo aos cristãos daquela época. A oração nesse sentido é mais que uma prece, é um agente motivador de crescimento espiritual.

Em suas orações Paulo busca não apenas o crescimento espiritual da Igreja, mas também seu crescimento numérico. A intercessão para a multiplicação é encontrada em suas epístolas de forma que sua palavra intercessora seja entendida como um encorajamento ao crescimento missionário e evangelístico onde aquela Igreja está plantada. Isso é observado em 1 Tessalonicenses capítulo 1 dos versos 2 até o 10, onde se lê:

2Sempre agradecemos a Deus por todos vós, mencionando-vos em nossas orações.
3Diante de nosso Deus e Pai, lembramo-nos constantemente da vossa fé atuante, do vosso amor prestativo e da vossa esperança bem firmada em nosso Senhor Jesus Cristo.
4Irmãos, amados de Deus, sabemos que fostes escolhidos por ele,
5porque o nosso evangelho não chegou a vós somente com palavras, mas também com poder, com o Espírito Santo e com absoluta convicção. Sabeis muito bem como procedemos em vosso favor quando estávamos convosco.
6E vos tornastes nossos imitadores e do Senhor, recebendo a palavra com a alegria que vem do Espírito Santo, mesmo em meio a muita tribulação.
7Dessa forma, tende vos tornado modelo para todos os crentes na Macedônia e na Acaia.
8Pois, a partir de vós, não somente a palavra do Senhor foi ouvida na Macedônia e na Acaia, mas também a vossa fé em Deus foi divulgada em todos os lugares, a ponto de não precisarmos mais falar sobre isso.
9Porque eles mesmos anunciam de que maneira fomos recebidos entre vós, de que forma vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro,
10esperando do céu seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura.

Paulo dirige-se aos irmãos de Tessalônica como servos de uma “fé atuante” (v.3), como “nossos imitadores e do Senhor” (v.6), elogiando como eles têm se comportado na Macedônia, “tornando-se modelo” (v.7) e no verso 8 ele fala sobre a divulgação da fé daqueles irmãos ao ponto de que o próprio Paulo não precisava mais falar sobre o assunto. A gratidão de Paulo está envolvida em uma oração que além de agradecida, intercede para que essas atitudes sejam acrescidas e fomentadas sempre naquela Igreja.

No sentido restrito da palavra o termo grego “proseuchomai” é orar. Paulo usa esse termo para direcionar a indicação de sua intercessão aos membros das igrejas que ele havia plantado e supervisionado. “No Novo Testamento, o termo mais compreensivo para “orar” é proseuchomai. Denota “oração” em geral, e pode ser empregado sem mais qualificação” (Brown, 1978, p. 317). É a palavra mais usada pelo apóstolo Paulo e a mais comum em designar uma prece.

2.2.1 A oração no início de Filipenses

Ao fazer-se uma análise do primeiro capítulo de Filipenses, observa-se a primaz preocupação de Paulo com os irmãos de Filipos e a sua tão presente vocação de intercessor.

Paulo teve uma amizade muito mais estreita com a Igreja de Filipos que com qualquer outra. Era para ele um orgulho e uma glória não ter recebido nunca nada de ninguém nem de Igreja alguma e ter satisfeito suas necessidades com o trabalho de suas mãos. Só consentiu em aceitar um presente dos filipenses. Imediatamente depois de ter deixado Filipos partindo para Tessalônica aqueles lhe enviaram um presente (4:16). Quando chegou a Corinto, passando por Atenas, só os filipenses se lembraram dele com seus presentes (2 Coríntios 11:9). “Meus irmãos, amados e mui saudosos — lhes diz — “minha alegria e coroa” (4:1). Paulo estava mais estreitamente ligado à Igreja de Filipos que a qualquer outra Igreja. (Barclay, p.13)

Esta é uma das cartas mais pessoais do apóstolo Paulo. Ele usa frequentemente a primeira pessoa nessa epístola. Ele escrevia para um grupo de amigos a quem nutria um sentimento nobre. Ele se dirige àquela Igreja como pai espiritual deles. Uma carta marcada pela ênfase voltada para a Alegria Cristã, se torna mais admirável porque Paulo está encarcerado.

As claras menções à alegria dominam a epístola e isso é encontrado logo no início quando se lê a saudação. Nos versos 3-10 observa-se os motivos de oração de Paulo e os direcionamentos da sua intercessão.

3Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós,
4fazendo sempre súplicas por todos vós, em todas as minhas orações, com alegria,
5sem razão da vossa cooperação na causa do evangelho, desde o primeiro dia até agora.
6E estou certo disto: aquele que começou a boa obra em vós irá aperfeiçoá-la até o dia de Cristo Jesus.
7É justo que eu me sinta assim a respeito de todos vós, pois estais em meu coração, já que todos sois participantes comigo da graça, tanto nas minhas prisões quanto na defesa e na confirmação do evangelho.
8Deus é testemunha de que tenho saudades de todos vós, com a terna misericórdia de Cristo Jesus.
9E peço isto em oração: Que o vosso amor aumente cada vez mais no pleno conhecimento e em todo entendimento,
10para que aproveis as coisas superiores, a fim de serdes sinceros e irrepreensíveis até o dia de Cristo,
11cheios do fruto de justiça, que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus. (Filipenses 1.3-11 – Almeida 21).

Mesmo falando muito sobre alegria esse não é o tema isolado da Epístola. A alegria e a preocupação pela unidade da Igreja compõem nesse escrito os conselhos estabelecidos, por isso, Paulo encoraja a Igreja para fugir do egoísmo e da desunião.

Paulo dá graças em particular pela cooperação a favor do Evangelho. Cooperação é

tradução de koinonia, palavra riquíssimo significado em o Novo Testamento, traduzida de várias maneiras: “cooperação”, “comunhão” ou “comunicação”. A ideia básica é de se ter algo em comum ou em conjunto. Paulo considerava que a vida que compartilhamos em Cristo é koinonia do Filho de Deus, a que somos divinamente chamados (I Cor.1:9). Esta comunhão é também conhecida como a koinonia do Espírito Santo (II Cor. 13.13). Paulo também usa esse termo para designar uma tarefa ou trabalho comum, como a coleta para os pobres dentre os santos de Jerusalém (II Cor. 8:4; 9:13). Em Filipenses, algumas formas cognatas de koinonia aparecem em 1:5; 2:1; 3:10; 4:15 (traduzidas respectivamente, como cooperação, comunhão, participação e comunicação). (Broadman, 1988, p.227-228)

Paulo ora por aquela Igreja com ações de graças (v.3-8), ele inicia com um forte agradecimento suas preces todas as vezes que sua memória aciona uma lembrança daquele povo. Paulo ora no início de sua carta aos Filipenses para que aquela Igreja conhecida pela alegria não entre em descrédito por conta do egoísmo e falta de comunhão. Paulo e aquela Igreja compartilhavam tanto as bênçãos como os sofrimentos do Evangelho. Por isso, ele orava com ações de graças, *fazendo súplicas por eles em todas as suas orações* (v.4).

No verso 9, “E peço isto em oração: Que o vosso amor aumente cada vez mais no pleno conhecimento e em todo entendimento...”, Paulo mostra mais uma face de sua oração. Ele acrescenta aos seus pedidos por aquela Igreja uma nota sobre o amor. Além da alegria, Paulo pede em suas orações por Filipos, que seu amor aumente.

Paulo não nega que os filipenses tinham amor, mas verifica que ele era deficiente, possivelmente indo contra o orgulho de alguns, julgando que nada lhes faltava. (...) Paulo orou, pedindo uma crescente abundância de amor nos filipenses. Ele estava especialmente interessado em que o amor deles fosse iluminado, pois boa vontade não é suficiente. O desejado crescimento em amor se relacionava particularmente com a percepção moral, conhecimento e todo o discernimento. (...) A tendência do amor é confiar e compreender, mas ele também precisa ser bem-informado, se quiser funcionar adequadamente. (Broadman, 1988, 229-230).

A oração direcionada para a Igreja de Filipos foi permeada por ações de graças, alegria, amor e uma forte intercessão pela unidade da Igreja. Paulo ao orar por essa Igreja está mostrando sua satisfação e preocupação com os irmãos daquela Igreja quanto a sua unidade e sua saúde.

2.2.2 A oração no início de Colossenses

Após a saudação, assim como fez em Filipenses, o Apóstolo Paulo dá graças a Deus pela vida da Igreja em Colosso, ele elogia sua fé e esperança. Nessa Epístola Paulo também inicia com uma oração. Essa oração dá enfoque aos escritos e ensinamentos contidos na carta.

A introdução da carta e a oração direcionada indica as dificuldades daquela Igreja. “*A Igreja de Colossos ainda alimentava uma preocupação errônea e exagerada em relação à guarda religiosa e*

cerimonial dos tiros tradicionais judaicos do passado. Além disso, os cristãos de Colossos eram muito vulneráveis às crenças místicas e superstições de todos os tipos”. (King James, 2012, p.2305). Por isso, logo no início Paulo intercede pela Igreja dessa maneira:

3Damos graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, orando sempre por vós,
4desde que ouvimos falar da vossa fé em Cristo Jesus e do amor que tendes por todos os santos,
5por causa da esperança que vos está reservada no céu, da qual já ouvistes pela palavra da verdade, o evangelho,
6que chegou a vós, e também está em todo o mundo, frutificando e crescendo, assim como entre vós, desde o dia em que ouvistes e conhecestes a graça de Deus na verdade;
7como aprendestes com Epafras, nosso amado conservo, fiel ministro de Cristo em nosso favor.
8Ele também nos contou do amor que tendes no Espírito.
9Portanto, desde o dia em que soubemos disso, nós também não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do pleno conhecimento da sua vontade, em toda sabedoria e entendimento espiritual.
10Assim, oramos para que possais viver de maneira digna do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de Deus,
11fortalecidos com todo o vigor, segundo o poder da sua glória, para que, com alegria, tenhais toda perseverança e paciência,
12dando graças ao Pai, que vos capacitou a participar da herança dos santos na luz. (Colossenses 1.3-12)

Também nessa introdução Paulo reage orando pela Igreja diante de um problema sistêmico vivido no seio da congregação. Paulo escreve a carta como uma reação diante do ensino equivocado e estranho inculcado no povo de Colossos. Antes de doutrinar ele deixa claro que ora por todos da Igreja e por sua essência de fé.

Paulo dá graças pela frutífera reação dos colossenses ao evangelho, que, insiste ele, eles haviam entendido com exatidão desde o princípio. Ao mesmo tempo, sutilmente prepara o caminho para as advertências contra erros que tinha que fazer, e lança o forte escudo de suas recomendações ao redor do pastor deles, Epafras, e a sua avaliação da fé cristã. (...) O motivo para o agradecimento foi o relato cristão comum que ele ouvira (repetido no v.9). O fruto do evangelho entre eles é analisado dentro da tríade familiar de fé em relação a Cristo, amor em relação aos seus companheiros cristãos e a esperança que era a recompensa final deles. (Broadman, 1988, p. 270-271).

A partir do verso 9 Paulo volta a indicar uma intercessão pela vida da Igreja de Colossos. Essas orações tinham o desejo de encorajar e estimular aqueles que iam ler a carta e praticar as coisas que eram oradas por Paulo. No verso 10, Paulo indica áreas do crescimento cristão que aquela Igreja deveria viver, por isso ele orava.

Uma vida de modo digno do Senhor é a primeira. A chamada para viver “dignamente” é um incentivo moral predileto de Paulo, com uma variedade de padrões sugeridos por

ele, e. g. 1 Ts 2.12; Fp. 1.27; Rm 16.2 e Ef. 4.1. Em cada um destes casos Paulo está apelando para seus convertidos ficarem à altura da sua confissão como povo de Deus. *Para seu inteiro agrado* traduz um substantivo (Gr. *areskeia*) achado somente aqui no Novo Testamento. No grego secular normalmente, porém não exclusivamente, leva uma conotação má, viz. Procurando agradar a outro por motivos de ganhos ou vantagens pessoais. Aqui o sentido é diferente: adotai toda atitude que agrada. (...) A terceira área é a conclamação ao crescimento: *frutificando com toda boa obra, e crescendo no pleno conhecimento de Deus*. Provavelmente os dois participios devam ser mantidos juntos e relacionados com a fonte do progresso da maturidade. Então, a chamada é para dar frutos em toda boa obra (pela benevolência) e assim crescer (na sua influência sobre os outros) mediante um conhecimento cada vez mais profundo de Deus. (Martin, 1991, p. 62)

Paulo ora pelo crescimento da Igreja no conhecimento de Deus. Ele intercede pela Igreja para estar fortemente ajustado diante das ameaças do gnosticismo e outras heresias. Ele deseja que os liderados daquela Igreja tenham uma profunda intimidade, um caráter robusto e uma fidelidade atuante para poder não se corromper com as demandas heréticas.

2.2.3 A oração no início de 1 Tessalonicenses

A Igreja de Tessalônica foi fundada pelo apóstolo Paulo em sua segunda viagem missionária, era composta por judeus e muitos gentios que eram oriundos do paganismo (Atos 17.4). Sua história em Tessalônica é muito rápida e isso trouxe alguns problemas a Igreja e desafios ministeriais ao apóstolo. Por ter sido forçado a sair da cidade pela perseguição, os novos convertidos receberam o mínimo de ensino e doutrina. Por isso, Paulo escreve sobre santidade e sobre aqueles que morrem no Senhor.

Considerando que Paulo tinha sido obrigado a partir abruptamente de Tessalônica (At. 17.5-10), é fácil entender o quanto muitos novos crentes ficaram desorientados (1.9). Portanto, o alvo principal do apóstolo nessa carta foi proporcionar encorajamento, especialmente a esses novos convertidos vindos do paganismo, a fim de que se mantivessem fiéis, mesmo em meio à mais severas provações e perseguições (3.3-5). Além disso, Paulo se preocupava em oferecer a Igreja uma boa instrução sobre como viver um estilo de vida piedoso (4.1-8), servindo diariamente ao Senhor com um coração sincero e dedicado (4.11-12). (King James, 2012, p. 2316)

A seção da oração introdutória e das inserções sobre ela vão do versículo 2 ao 10 do primeiro capítulo. Disposto claramente em um parágrafo e mostrado com a finalização do primeiro capítulo. Essa unidade estrutural do texto mostra a fundamentação da oração de Paulo quanto aos crentes destinatários daquela carta.

Nas suas orações, eles lembravam-se diante de Deus Pai, da vossa obra de fé, do vosso trabalho de amor e da vossa firmeza de esperança em nosso Senhor Jesus Cristo. A

palavra traduzida como “obra” dá uma ideia geral de trabalho ou negócio, tarefas diárias ou emprego. Seja o que for que eles estavam fazendo, era uma obra caracterizada pela fé. Era uma atividade que a fé inspirava. (Broadman, 1988, p. 320).

Este texto sobre a oração paulina em 1 Tessalonicenses mostra as três atitudes fundamentais de um cristão: a fé, o amor e a esperança. Cada uma tem sua característica própria. A obra deve ser feita com fé como se vê acima, o serviço feito com amor e a luta diante dos sofrimentos com esperança, como mostra Broadman (1988, p. 321)

O trabalho significa labuta árdua e estafante. É o labor cansativo feito por amor. A palavra traduzida com amor (ágape) dá a entender o amor que caracteriza a natureza de Deus (I João 4:8). Basicamente, significa um estado absoluta lealdade ao seu objeto (cf. Rom. 5:8). Aqui ela tem a conotação de amor cristão, acima de todos os outros sentimentos de amor. É um amor que tem origem na natureza de Deus. (...) Este amor tem uma dimensão horizontal, bem como vertical. Ele é resumido de maneira mais perfeita na cruz. Tendo-se entregado desta forma ao amor de Deus, os cristãos de Tessalônica se davam aos outros em um labor árduo, caracterizado e inspirado pelo amor. (...) Firmeza na esperança. Firmeza: Esta palavra é encontrada nos papiros para designar um atleta ou soldado que podia suportar o ataque do seu oponente, possuindo, contudo, forças de reserva com que contra-atacar, até alcançar a vitória. Isto era especialmente significativo na situação existente em Tessalônica (v. 5 e ss). Nota-se as três virtudes cristãs: fé, amor e esperança (cf. I Cor. 13:13).

Paulo ora por Tessalônica mostrando qual a necessidade da Igreja para seu amadurecimento. Ele mostra na sua intercessão que a igreja precisava crescer nos aspectos das virtudes cristãs. Os cristãos destinatários da carta compreenderam claramente o significado do discipulado, e, observando Cristo na vida de Paulo e suas orações, passaram a compartilhar o mesmo Cristo e fazer da sua vida uma vida cheia de fé, amor e esperança. Essa questão fica clara quando se observa a digressão de Matheus Henry (p.2):

Onde quer que exista uma verdadeira fé, esta trabalha de tal maneira que afete o coração e a vida. A fé trabalha em amor: é demonstrada por meio do amor a Deus e amor ao nosso próximo. Onde quer que exista uma esperança de vida eterna bem fundamentada, esta será vista por meio do exercício da paciência; e este é um sinal de sinceridade, quando em tudo o que fazemos procuramos ser aprovados por Deus. Por isto, podemos conhecer a nossa eleição se não somente falarmos das coisas de Deus com os nossos lábios, mas se sentirmos o seu poder em nossos corações, mortificando as nossas concupiscências, apartando-nos do mundo, e elevando-nos às coisas celestiais. A menos que o Espírito de Deus nos conceda o entendimento, a Palavra de Deus se tornará para nós em letra morta. Assim receberam-na pelo poder do Espírito Santo. Eles estavam plenamente convencidos de sua verdade, de modo que não pudessem ser perturbados em suas mentes por objeções e dúvidas, e estavam dispostos a deixar tudo por amor a Cristo, e a arriscar as suas almas e o seu estado eterno na verdade da revelação do Evangelho.

A autenticidade da oração de Paulo no início de sua primeira epístola, quanto as suas orações por essa Igreja, mostra seu motivo a respeito da constância da Igreja de Tessalônica na fé que os seus membros possuíam quanto ao Evangelho. A oração está repleta de confiança, e é consoladora,

incentivadora e prática. Seu interesse por seus liderados se mostra tão forte que seu labor apostolar de intercessão promulga um desejo intenso de ver a Igreja crescer.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo deixa claro as inserções de Paulo às suas ovelhas e igrejas plantadas, que havia uma preocupação constante de sua vivência de fé e que isso era postado com muita responsabilidade diante de Deus em oração.

Após a análise da pesquisa, apresenta-se as descobertas sobre a ação de Paulo em Filipenses, Colossenses e 1 Tessalonicenses.

O trabalho mostra o conceito de oração em três aspectos: A oração como submissão, adoração e ato Criador de Deus. Mesmo com a Bíblia não apresentando uma definição formal sobre o assunto esses conceitos englobam tanto as experiências de personagens bíblicos como um conceito geral das Escrituras, onde a oração valoriza a comunhão com Deus e uma ação divina de criação diante da busca de quem ora.

Na caminha da pesquisa tem-se clara observação de Paulo como um líder onde a oração faz parte de sua obra missionária, tendo uma vida de oração equilibrada que caminha desde a gratidão, elogios e até a intercessão diante dos desafios das igrejas que ele escrevia.

Isso fica bem entendido quando se estuda a saudação envolvida em oração na carta aos Filipenses, onde o apóstolo encoraja a Igreja com a temática da alegria em detrimento à desunião e egoísmo. À Igreja de Filipos, Paulo evoca a koinonia em suas preces, onde se aprende que essa palavra denota muito mais que comunhão, mas cooperação e comunhão, vivendo assim, os grilhões da desunião são rompidos.

Em Colossenses a oração de Paulo direciona-se para combater as crenças místicas, superstições e guardas de tradições judaicas que não coadunam com a vivência cristã. Para isso, a oração é direcionada à construção do cotidiano cristão formulado com dignidade e moral, buscando um crescimento do conhecimento de Deus constante e não na perspectiva gnóstica de conhecimento herético.

Por fim, em 1 Tessalonicenses após um parco discipulado com aquela Igreja o Apóstolo ora em direção a construção da maturidade daquela Igreja. Ele ora em direção as três atitudes fundamentais de um cristão: a fé, o amor e a esperança. Buscando um trabalho amoroso, uma esperança firme e cheia de convicções e uma fé inabalável.

Os estudos dessas epístolas mostram que as orações de Paulo eram direcionadas à cooperação diante dos desafios daquelas igrejas. São orações repletas de confiança, consolo, incentivo e indicações amorosas, onde se vê o claro interesse do missionário em constituir e construir igrejas saudáveis e igrejas que crescem no conhecimento de Deus e em números.

REFERÊNCIAS

BARCLAY, William. **Comentário de Colossenses**. Trad. Carlos Biagini. Disponível em: http://files.comunidades.net/pastorpatrick/Colossenses_Barclay.pdf. Acesso em: 20 ago. 2017.

BARCLAY, William. **Comentário de Filipenses**. Trad. Carlos Biagini. Disponível em: http://files.comunidades.net/pastorpatrick/Filipenses_Barclay.pdf. Acesso em: 22 ago. 2017.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2000.

BÍBLIA SAGRADA. **Versão King James**. São Paulo: Abba Press, 2012.

BROWN, C. (org). **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Vol III. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Edições Vida Nova, 1978.

FOULKES, Francis. **Efésios: introdução e comentário**. São Paulo: Edições Vida Nova e Mundo Cristão, 1993.

GINGRICH, F. Wilbur; Frederick W. Danker. **Léxico do Novo Testamento Grego - Português**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983.

HENRY, Matthew. **Comentário de 1 Tessalonicenses**. Disponível em: [https://docs11.minhateca.com.br/955509768,BR,0,0,1Tessalonicenses-\(MHenry\).pdf](https://docs11.minhateca.com.br/955509768,BR,0,0,1Tessalonicenses-(MHenry).pdf). Acesso em: 24 ago. 2017.

MARTIN, Ralph P. **Colossenses e Filemon: introdução e comentário**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991. 176p.

SHEDD, Russel P. **Adoração Bíblica**. São Paulo: Edições Vida Nova,